

AVENÇA

# A REGENERAÇÃO

Semanário regionalista e cultural

Director Literário — Dr. João Leal da S. Tendeiro  
Composição, impressão e Redacção na  
Tip. Figueiroense — Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:  
Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo  
Administração: Tipografia Figueiroense  
FIGUEIRO DOS VINHOS

## PROBLEMAS DE HOJE

A origem de qualquer movimento histórico assenta sempre numa base económica, ou melhor, social, visto considerarmos a primeira uma sub-divisão desta última.

Assim a presente guerra, que neste momento se estende por grande parte da Europa, não é mais do que a necessidade que os actuais sistemas sentiram de conseguir obter uma válvula de segurança para a manutenção dos princípios que uns e outros defendem.

E' grave erro supor-se que a guerra começou em Setembro de 1939. No período que se seguiu à paz de 1918, a guerra não se manifestou imediatamente por actos de força, é certo, mas eclodiu no campo social-económico com uma violência inaudita. Isto obrigou alguns países — Alemanha e Itália — a um retraimento e a basearem-se no princípio "de se bastarem a si próprios". Este facto verificou-se, também no Extremo-Oriente, com o Japão.

Estas nações, quando atingiram o grau de maturidade máxima viram-se na necessidade de expelir todo o potencial militar — somatório da sua política social económica — criado e mantido à custa dum número elevadíssimo de sacrifícios, no momento preciso em que esse potencial podia acarretar a sua própria ruína, rotulando-o com a denominação de "espaço vital" e dirigindo-o para o domínio da conquista.

Acentuamos, desde já que as guerras organizadas e lançadas por estes países tem de ser feitas duma forma fulminante, de modo a evitar que o esgotamento económico surja antes da vitória militar.

Assim o Japão invadiu a China, pretendendo dominá-la rapidamente. Não conseguiu, porém, obter uma vitória rápida de caracter geral, que levasse a China à submissão e assim a guerra arrasta-se há anos e a derrocada económica do Japão avizinha-se a passos gigantescos, a pesar dos empréstimos, do aumento de contribuições e de outros meios de que o governo daquele país se vê na necessidade de deitar mão para conseguir "continuar" a guerra. E sublinha-se "continuar", porque ao Japão já não é possível ganhar a guerra.

A Itália a pesar de ter encontrado um fraco adversário na Abissínia, ficou abaladíssima com o dispêndio duma campanha ganha à custa de enormes sacrifícios, que nestas dezenas de anos mais próximos não lhe trará qualquer benefício de ordem material. Mais tarde atacou a Albânia, a nação mais fraca da Europa, e da sua conquista não resultou o lucro esperado. Viu-se pois na necessidade de entrar no actual conflito, alinhando ao lado da Alemanha.

Esta última nação iniciou a invasão da Europa, primeiro passo para o domínio do Mundo, e até este momento tem mantido um ritmo de conquistas extraordinário, cumprindo à risca um horário previamente estabelecido.

No cumprimento certo desse horário reside a vitória ou a derrota da Alemanha. Como ela própria o disse "a campanha tem de estar terminada antes do inverno".

A Inglaterra e a França, pretendendo manter o "statu-quo" social-económico, que lhes deu o incontestável domínio da Europa, declararam guerra à Alemanha.

A América do Norte iniciou a mais gigantesca ofensiva económica, de todos os tempos. Depois de ter estabelecido o sistema de vendas "paga e leva" iniciou sob as vistas do sr. Roosevelt a organização do mais formidável "trust" que a história da Humanidade registará.

## Exposição de Leiria

Como anunciamos no nosso último número, a inauguração do pavilhão de Figueiró na exposição distrital de Leiria, foi feita com toda a solenidade na penúltima terça-feira, pelas 18 horas.

Da Figueiró, o comércio, comissão da exposição, representantes da Câmara e muitas senhoras, deslocaram-se, nesse dia, a Leiria.

Nesta cidade as entidades oficiais, à frente das quais estava o ilustre Governador Civil sr. dr. Mário de Vasconcelos, além dos srs. Coronel Sampaio Rio, ilustre presidente da Câmara e deputado da Nação, dr. Jorge Marçal, Horácio Eliseu, Reverendo Padre José Ferreira de Lacerda, Director do nosso colega «O Mensageiro» e muitas outras individualidades de destaque de Leiria, receberam os figueiroenses no salão nobre da Exposição.

O sr. coronel Sampaio Rio deu as boas vindas, tendo palavras de apreço para os figueiroenses ali presentes, sobretudo para o sr. Presidente da Câmara. Exaltou a obra levada a efeito no nosso concelho, terminando por agradecer a colaboração que lhe prestamos fazendo nos representar na Exposição.

Em seguida, falou o sr. dr. Jorge Marçal, membro da Câmara e delegado da Comissão Executiva da Exposição, que historiou o valor da mesma e de todos os indivíduos que nela tinham trabalhado terminando com palavras de louvor e agradecimento para todos os figueiroenses.

Finalmente falou o nosso presidente da Câmara sr. dr. Simões Barreiros, procurador à Câmara Corporativa, que começou por agradecer a todos a honra que deram aos figueiroenses, comparando naquele acto, e salientou em seguida o valor da Exposição de Leiria, o esforço despendido, o cuidado como tudo foi tratado de forma a merecer, na parte de todos, os melhores elogios.

Frizou que a Exposição era motivo de orgulho para a Câmara, para a Comissão executiva da Exposição e finalmente para Leiria e seu distrito.

Disse ainda que os figueiroenses se sentiam muito satisfeitos por terem contribuído, embora duma forma modesta, para o triunfo e brilhantismo da Exposição que, sem dúvida, é das melhores, que Leiria tem realizado.

Teve também palavras de justo louvor para a Comissão que é composta pelos srs. Tenente Carlos Rodrigues, José Manuel Godinho,

Estamos em presença da guerra social-económica em toda a sua pujança. Para além da guerra vão-se formando dois mundos distintos: o do "statu-quo", e o que luta pelo estabelecimento dum novo princípio de vida.

## Crónica

CONHECI em tempos um indivíduo, pedreiro de ofício, que reservava todas as horas de ócio para ler. Ler já não era para ele uma distração ou um vício — era uma necessidade. Tinha um livro antiquado, uma espécie de pequena enciclopédia ou manual escolar, e nela aprendia aritmética e história, gramática e geografia. Depois, quando encontrava um grupo de pessoas que estivessem dispostas a ouvi-lo, vá de expandir conhecimentos, fazer perguntas de que tivesse a resposta engatilhada previamente. Se algum não respondia a qualquer delas (o isso era fácil, pois são inúmeros os assuntos que desconhecemos e os que já passaram) ficava satisfeitíssimo. E assim verifiquei que se enfeitava com um certo prestígio, por se julgar pessoa de boas letras... Porém se, à margem do assunto tratado, se lhe fazia uma pergunta, por simples que fosse, quasi nunca respondia. Isto é, este indivíduo, a pesar de um gosto marcado pelo estudo e pela leitura, não passava de uma pessoa com memória, mas com pouca elaboração intelectual.

Conheço um outro, com o ofício de cauteleiro, que se dedicou à camonologia nos intervalos das vendas. Estudou bastante, conhece «Os Lusíadas» de ponta a ponta, e publicou vários livros. Mas também não escapou à pecha de uma leitura mal dirigida: — ao lado da matéria que aprofundou, poucos conhecimentos mostra possuir.

E para terminar com um exemplo mais frisante, não quero deixar de fazer referência a um jovem poeta, por sinal bastante meu amigo, com vários livros e conferências publicados, mas que tem o defeito de só trabalhar nos assuntos que de momento lhe interessam para o trabalho que está realizando. Chega por vezes a escrever num jacto vários linguados sobre um tema que ainda há pouco desconhecia. Mas não lhe vão perguntar por noções estranhas às ideias que traz entre mãos...

Nesta pequena explanação, ordenada desde o pobre operário que pouco conhece até ao poeta literato com uma cultura geral deficiente, com passagem pelo vendedor ambulante intelectualizado, está exposto um dos vícios de concepção que mais retardam a marcha da cultura. Quero referir-me à falta de orientação na escolha das leituras.

Se houvesse alguém que indicasse um caminho melhor ao primeiro indivíduo, facilitando-lho simultaneamente, estou certo de que facilmente mudaria de rumo; no segundo já seria mais difícil, por estar convencido do seu valor na especialidade literária que escolheu, no terceiro nem vale a pena falar, porque sei que se julga um super-homem intangível...

De igual modo, por comparação, é-me permitido concluir que é ao povo com cultura deficiente — ou sem cultura — que há facilidade em comunicar o gosto pela leitura, e que, uma vez este gosto desenvolvido, há que indicar o verdadeiro rumo, o mais racional, tanto sob o ponto de vista cultural como técnico.

E isto basta, por hoje, para fundamentar a necessidade da criação de centros de orientação profissional e de bibliotecas populares tanto nas cidades como nos campos.

João Tendeiro

Francisco Rodrigues Ferreira, José Pedro dos Santos e Manuel Ferreira.

Em seguida, dirigiu-se toda assistência, indo à frente o sr. Governador Civil e elementos oficiais de Leiria, para o nosso pavilhão, a fim de se proceder à cerimónia da inauguração.

Ali, o sr. Governador Civil convidou a esposa do sr. presidente da Câmara a cortar a fita simbólica, tendo nessa ocasião o Reverendo Arcipreste Padre António Inglez pronunciado um brilhante discurso. Este nosso amigo, cujos dotes oratórios nós muito bem conhecemos, prendeu de tal forma o auditório

## O 14 de Agosto

Mais um ano que passou sobre aquela gloriosa data que teve por cenário os campos de Aljubarrota.

Com mais imponente que nos anos transactos foi feita este ano a sua comemoração.

No cortejo que se organizou de S. Jorge para a Batalha, composto por unidades de artilharia, infantaria, cavalaria, legião e mocidade portuguesa, incorporou-se também um castelo do centro escolar desta vila, indo acompanhado pelo seu incansável e dedicado director do centro, o nosso particular amigo sr. Tenente Carlos Rodrigues.

durante a sua brilhante oração, que no final foi muito cumprimentado.

Franqueado o pavilhão ao público, foi em seguida visitado por todos os presentes, que muito o apreciaram.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Miguel Pereira

# Lição admirável

## Conheçamos a Vossa e a Nossa Terra...

Foi indiscutivelmente um grande acontecimento diplomático, a assinatura do Protocolo adicional ao Tratado de amizade e não agressão luso-espanhol.

Afirmção admirável duma amizade que coisa alguma destruirá, é constituir uma lição magnífica do valor desta intimidade, entre as duas pátrias peninsulares, intimidade que é a mais forte garantia da Paz e do Progresso das duas nações peninsulares e portanto, duma grande parte do Ocidente europeu.

Por isso mesmo o «Diário da Manhã», depois de acentuar o enorme valor da amizade entre Portugal e Espanha, pôde muito acertadamente sublinhar falando propriamente do valor do importante instrumento diplomático ora assinado e depois de se referir ao erro que foi a separação e desentendimento em que durante muito tempo se viveu:

Esta lição de factos impôs-se sempre aos espíritos mais clarividentes da Pátria de Camões e da Pátria de Cervantes, pelo que seria muito de admirar se escapasse à superior visão política de Salazar e do Generalíssimo Franco, nestes tempos difíceis e sombrios. O Tratado de amizade e não-agressão e o Protocolo adicional agora assinado provam a perfeita concordância de pontos de vista dos Governos português e espanhol sobre os problemas fundamentais da política peninsular, neste momento e no futuro, e a sua firme vontade de prosseguir o bom entendimento existente até a plena efectivação dos seus fins que são principalmente a estreita colaboração na defesa, ou na salvaguarda dos mútuos interesses.

É de notar-se o espírito novo que anima a letra deste importantíssimo documento diplomático destinado, por um lado, a afastar preconceitos e prevenções, hoje injustificados, e a estabelecer a indispensável confiança nas relações dos dois povos, e, por outro, a traçar directrizes de acção futura quanto à escolha dos meios de assegurar, em especial, a independência e a inviolabilidade dos respectivos territórios metropolitanos.

Nestas breves mas precisas e eloquentes palavras, está de facto feito o elogio mais completo e perfeito da importância do grande acto realizado.

Numa hora em que a Europa alumiada pelos fulgures do demoníaco incêndio, que é sempre a guerra, parece cavar o abismo onde mostra querer encontrar a sua sepultura, há ainda duas nações que vivem em Paz, que vivem na melhor e mais segura amizade, dando a todo o Mundo um exemplo em que o Mundo muito tem de aprender: Portugal e Espanha.

O novo Protocolo adicional é mais uma prova, uma prova eloquente, magnífica e admirável, a cuja assinatura ninguém se furta por mais que tal custe aos poucos — mas ainda existentes — que queriam ver os dois povos irmãos desavindos.

(De Ourique a Guimarães, às crianças do concelho e do Império)

Montemor-o-Novo é povoação muito antiga; a Castrum Malianum — Castelo de Mânlio — dos romanos é a sua ascendente.

Aqui, em 93 da era cristã, foi martirizado S. Mânlio-popularmente S. Manços.

Estes férteis territórios foram habitados muitos séculos antes dos romanos por diversos povos, até pelos pre-celtas.

Diz a tradição que, pelo ano 300 da era cristã, era senhor destas terras o pai de Santa Quitéria virgem e martir. Viveu em asperíssima penitência, no ermo penhascoso, onde depois se edificou a vila. «Do alto dum rochedo, em 30 de Março de 300, foi lançada num peço do Canha.»

Supõe-se, com visos de verdade, que Afonso Henriques, em 1139, tomou o castelo, provavelmente construído pelos romanos, e a vila aos moiros, após o Batalha nos Campos de Ourique. Perdeu-se em seguida como muitas outras terras, sendo passado pouco tempo recuperado; mas só em 1160 ficou definitivamente portuguesa.

Em 1191, o miramolim de Marrocos saqueou-a e destruiu-a, abandonando-a depois.

D. Sancho I mandou-a povoar, em 1201; deu-lhe foral em Março de 1203; e, então, lhe chamou Montemor-o-Novo, para distinguir dum outro Montemor, existente na margem direita do Baixo Mondego.

Resconstituiu-lhe o castelo. Em volta surgiu rapidamente a nova povoação. Cercou-se duma espessa muralha, de forma triangular, com quatro torres, um torreão, desanove cubelos e quatro portas: Porta da Vila, de S. Tiago, de Évora e do Anjo. Com o tempo, sem a devida conservação, tudo caiu em ruínas, como o palácio dos respectivos alcaides-móres.

D. Manuel I, em Lisboa, a 15 de Agosto de 1503, em novo foral, concedeu-lhe a categoria de vila, e a honra de «notável». Ficou, e durante anos, com privilégios iguais aos de Évora.

A ponte do Alcaçar atravessa aqui o rio Canha.

Já nos fins do século XIII a povoação era de grande importância.

No decorrer desse século, D. Denis, em 1285, aqui reuniu uma assembleia de homens notáveis, tratando da fundação duma universidade no país. Presidiu el-rei e assistiram; o bom abade de Alcobaça; o dom prior de Sta Cruz, Coimbra; o dom prior de S. Vicente de Fora, Lisboa; o dom prior secular de S.ta Maria da Oliveira, Guimarães; o prior de S.ta Maria Alcaçova, Santarém; e muitos outros.

O regente do reino, D. João, depois rei, em 1477 reuniu aqui as cortes, a que presidiu.

D. Manuel I, em 1495 nesta importante vila, as reuniu e a que também presidiu.

D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I, gostando muito da vila, várias vezes a visitaram e nela residiram. Ficavam alojados nos Paços do Castelo, destinados ao alcaide-mór.

O exército espanhol, composto de 20.000 homens, 1700 cavalos e 8.000 viaturas, entrou na vila em 8 de Julho de 1580. O povo acabou humilhado, apesar de submisso, não podia vê-lo.

Cristovão de Moura, expulsou de real.

## Festas e Romarias

### Nossa Sr.a do Livramento

Na capela de Santo António das Bairradas, desta nossa freguesia, terão lugar amanhã os já muito conhecidos festejos em honra de Nossa Senhora do Livramento.

O tempo está convidando os numerosos forasteiros que todos os anos ali se juntam, a não deixarem do, mais uma vez, irem satisfazer os seus sentimentos religiosos.

Este ano a festa será abrilhantada pela Filarmónica dos Marrazes-Leiria, que é a primeira vez que vem a estes sítios.

Espera-se grande afluência.

### Festa de Santo António em Salaborda Nova

Realiza-se amanhã, 18, a tradicional festa a Santo António no lugar da Salaborda Nova, freguesia de Vila Facaia.

Povoaçãozinha alegre, em sítio aprazível e com boa água é de supor que seja muito visitada neste dia.

A Comissão encarregada das festas tem trabalhado de maneira a resultarem brilhantes.

A Filarmónica de Pedrógão Grande está para ir prestar o seu concurso para o brilho destas festas.

Um passeio até lá deve ser agradável.

### Nossa Senhora da Graça

Na vizinha freguesia da Graça realizaram-se os costumados festejos no próximo passado dia 15. Decorreram com toda a pompa, tendo se notado um elevado número de forasteiros.

### Nosso Senhor dos Aflitos

Em nos dias 24 e 25 que em Mações de D. Maria se realizarão os tradicionais festejos em honra de Nosso Senhor dos Aflitos. Há quermesse e barracas de chá. O brilho que a Comissão organizadora pretende dar a esta festa será motivo de muita afluência de forasteiros.

## Vende-se

Um guarda louça em estado de novo.

Quem pretender dirija se ao sr. Alvaro de Jesus Mateus em Figueiró dos Vinhos.

Setubal, não foi aqui bem recebido: Passou a noite na capela de S. Tiago, isolada. No dia seguinte foi juntar-se às tropas do duque de Alba.

Na revolução de 1640, foi esta vila uma das primeiras a colocar-se ao lado dos que a iniciaram no glorioso dia de 1.º de Dezembro, apoiando entusiasticamente o duque de Bragança que, de Vila Viçosa, ali passou a caminho de Lisboa. Nas lutas que se seguiram, de 1640 a 13 de Fevereiro de 1668 foi Montemor-o-Novo uma das terras que sentiu os horrores da guerra. Foi depois e é uma das que mais aprecia o valor do esforço patriótico, os louros da vitória, a suavidade e as delícias da paz.

O Hospital do Espírito Santo, fundado em 1316, e o de S.to André do Outeiro, o Hospital Real, fundiram-se ambos no segundo, o

## Homens ilustres-Giotto

Giotto, que se tornou um famoso pintor florentino, teve uma juventude humilíssima e uma vida pouco invejável para os seus grandes meritos. Guardava gado, e seu pai, tomando o por preguiçoso tratava-o deshumanamente.

O tempo que o pequeno tirava ao desempenho do seu encargo, era para o consagrar a desenhos que ia fazendo nas paredes e na própria areia. Tomava muitas vezes por modelo o rebanho, as arvores, a cabana em que vivia, e o cão preto, seu fiel e bom companheiro.

Sucedeu passar pela povoação em que Giotto residia, Cimabue, pintor de grande nomeada, que ficou encantado com os desenhos da criança, achando que eles revelam um talento precoce. Com pequenos esforços conseguiu que o pai de Giotto deixasse seguir o pequeno na sua companhia, e tornou-se seu discípulo. Tão notáveis foram os seus progressos que em breve tempo se tornou num consagrado.

Ao falecer, os florentinos fizeram elevar sobre o seu coval uma estátua de mármore. Petrarca e Dante, amigos de Giotto celebraram-no em seus versos.

Para nós o melhor e mais enternecedor monumento a consagrar à memória do célebre artista é além de recordar perante a gente moça o seu grande exemplo de amor pelo trabalho e perseverança no fim a atingir, não deixar passar em claro o traço da sua biografia que se refere à lembrança que Giotto soube sempre conservar do seu nascimento modesto, não se deixando por isso possuir dessa cousa maligna que se chama a vaidade. Porporcionou aos pais uma vida mais desafogada, construiu-lhe uma habitação grande e cómoda no sítio do pobre colmado onde nasceu.

Bem hajam os espíritos nobres que sabem tornar-se indistintamente grandes em todas as modalidades da sua existência sobre a terra.

J. Fontana da Silveira

Foi D. Leonor, viúva de D. João II, que instituiu a Misericórdia nesta vila alentejana.

Teve oito conventos. Foi terra natal de homens ilustres e de santos. Nela nasceu S. João de Deus.

Vendas Novas é uma nova e florescente povoação, sede de freguesia, S.to António. Está a 6 quilómetros da ribeira de Canha. Pertence ao concelho e comarca de Montemor-o-Novo.

D. João V, para alojar a comitiva real durante duas noites, mandou ali fazer um palácio; la junto do Cua trocar noivos principescos! Construiu-se em nove meses, sob a direcção do engenheiro José da Silva Pais de Vasconcelos, que chegou a trazer na obra, diariamente, 2000 trabalhadores e operários.

É um palácio grandioso, com múltiplas dependências, comodo, mas sem belezas arquitectónicas. Ali, na planície inculta, no meio do ermo, foi a erigem da ridente povoação, hoje já importante e afamada.

Perto fica o Monte Real ou de Vidigal, uma das maiores herdades da Casa Bragança, onde D. Carlos, penúltimo rei dos portugueses, mandou construir uma casa de campo, singela mas ampla e cómoda.

(Continua)  
Junho, 1940

Domingues

## CARTEIRA

Na sua casa do Chãv. lho e junto de sua família encontra-se a passar alguns dias o nosso amigo sr. Joaquim Dias, estabelecido com barbiaria em Lisboa.

—Em gozo de alguns meses encontra-se no lugar do Gravito, concelho de Pedrógão Grande, de visita à sua família, o nosso prezado assinante sr. Júlio Fernandes David que veio de Vila Nova, Africa Ocidental, onde permanencia há já algumas dezenas de anos. Os nossos cumprimentos de boas-vindas.

## O Património do Estado

A Direcção Geral da Fazenda Pública acaba de publicar, com suficiente desenvolvimento, a conta do Património do estado referente a 31 de Dezembro de 1938.

Por ela se verifica que os bens do domínio publico atingem a cifra de 7.850.057.690\$69 e os do domínio privado do Estado a de 3.594.295.221\$96. Total: esc. 11.444.352.912\$65

Seria longo descrever estas verbas das quais apenas extraímos alguns dados: nos bens do domínio publico, as bibliotecas e arquivos figuram por 1.661.300 contos; os museus do estado por 507.936 contos; as obras marítimas e fluviais por 800.090 contos; as linhas férreas, por 1.458.130 contos; as estradas nacionais por 1.512.995 contos; e nos do domínio privado, 1.986.106 são de casas económicas; os papéis de crédito representam 219.196 contos.

Deve registrar-se o duplo interesse desta notícia: é que o cadastro do património do Estado só é uma realidade desde que na nova orientação da administração publica se passou a executar o que as leis preceituam; e, por outro lado, friase-se que desde 1928 tem sido invertidas avultadas somas em obras publicas, na construção e aquisição de edificios e de obras de arte, em material de defesa nacional e outros, bem como as que constituem a carteira de titulos na posse do Estado.

## Lisboa vai ter um Hospital-Escolar

Vai ser realidade mais uma aspiração justíssima da ciência portuguesa; um Hospital Escolar. A sua próxima construção foi já anunciada oficialmente pelo Governo e o seu custo subirá a 60.000 contos. O novo Hospital-Escolar de Lisboa será constituído por dois corpos de 8 andares, e 228 metros de comprimento, ligados por alas transversais de 50 metros. Trata-se, como se vê, por este breve enunciado, duma realização monumental que corresponde a uma necessidade legítima e uma reivindicação a todos os titulos muito justa.

Os anos bissextos Ensino Primário

O ano bissexto e poderíamos dizer que este ano tem mais um dia do que os outros, sem que por isso seja maior do que os anos comuns. Efectivamente o trecentésimo sexagésimo sexto dia, que de quatro em quatro anos, se acrescenta aos 28 dias do mês de Fevereiro, não é verdadeiramente um dia mas a soma de quatro fracções de dias que, deste modo não encontram lugar no calendário, mas que de nenhum modo se poderiam suprimir. E assim seremos obrigados a juntar tais fracções, visto que cada ano se compõe de 365 dias e ainda de 5 horas, 48 minutos e 45,97 segundos. São estas horas, minutos e segundos e fracções de segundo que formam o dia 29 de Fevereiro do calendário gregoriano.

Não é absolutamente necessário ser um matemático para reconhecer que a soma de 4 destes excessos, sobre 365 dias do ano, não dá ainda o total de 24 horas precisas para obter um dia completo. Devido a isto, para recuperar o tempo antecipadamente transcorrido, estabeleceu-se o seguinte: não contar, entre os bissextos, os anos divisíveis por 100; assim, não tiveram 366 dias o ano de 1.700, o 1.800 e o de 1900. Bissexto será todavia para acertar as contas do ano de 2000, como foi o de 1.600 e como será o de 2.400.

Como vêm é de certo modo transcendente a aritmética dos anos bissextos.

A Exportação do Vinho do Porto

A guerra—eliminando do mercado inglês os fornecimentos da Alemanha, da Itália e da própria França—fez aumentar consideravelmente a exportação de vinhos portugueses para a Grã Bretanha. Com o desaparecimento dos competidores acima designados, a indústria e o comércio vinícolas foram muito beneficiados na grande Nação aliada. Durante os primeiros quatro meses do ano corrente, as nossas exportações naquele ramo subiram quasi de 50% comparados com igual período do ano passado. Só durante o mês de Abril, a Grã Bretanha recebeu de Portugal 557.000 litros de produtos vinícolas.

Os números falam claro. Cremos que estes são muito elucidativos e dispensam quaisquer outros comentários.

Trespasa-se

Estabelecimento de mercearias e calçado nas melhores condições a combinar.

Quem pretender dirija-se a Eduardo Augusto Mendes, Figueiró dos Vinhos.

Aprendizas

Recebem-se na oficina de bonés da R. Dr. José Figueiró dos Vinhos.

Em 1025-26 existiam 6.657 escolas primárias oficiais e mais 318 escolas móveis. Em 1938-39 o número de escolas subia a 7.937 e havia mais 2.109 postos de ensino.

O número total de matrículas do ensino primário oficial foi nos citados anos, o seguinte:

1925 26	316 888
1938 39	530 679

Tendo em conta que a população em 1926 era de 6.475.668 indivíduos e em 1939 subia a 7.539.484, vê-se que enquanto a população aumentava nesse período 16,4%, o número de matrículas subia a 67,5%.

A despesa do Estado com o ensino primário em 1928-29 foi de 81.441 contos. Em 1939 foi de 100.306 contos e para o ano corrente estão orçamentados 104.346 contos. Não estão incluídas nestas cifras as importâncias gastas com a construção de edificios escolares.

Falecimentos

Na sua casa da Bairrada, faleceu no dia 20 do próximo passado mês de Julho o sr. António José da Silva Pimenta, comerciante e industrial muito conhecido neste meio.

Era cunhado do nosso prezado assinante e amigo sr. Artur Paiva, antigo e zeloso funcionário da Misericórdia de Lisboa.

Com a idade de 62 anos, faleceu na sua residência nesta vila no dia 3 de Agosto o sr. Sebastião Fernandes, official de diligências da ex-inta Administração do Concelho, sendo ultimamente comerciante da nossa praça. O extinto que contava grandes simpatias no nosso meio era marido da ex.ª sr.ª D. Felizarda David e pai da ex.ª sr.ª D. Celeste David Fernandes Carvalho. No seu funeral incorporaram-se pessoas de todas as camadas sociais.

Também faleceu em Aldeia de Ana de Aviz, a sr.ª Maria da Assunção, com 70 anos de idade, sogra do nosso assinante sr. Raul dos Santos dos Moninhos Cimeiros.

A's famílias enlutadas apresenta «A Regeneração» sentidas condolências.

Anuncio

COMARCA DE ÁGUEDA

1.ª publicação

No Juízo de Direito da Comarca de Agueda e primeira secção, correm éditos de vinte dias, citando quaisquer credores incertos, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos de preferência, querendo, nos autos de execução por custas e selos que o Magistrado do Ministério Público move contra António Abreu e mulher Maria Narciza, agricultores, do lugar de Nodeirinho, freguesia de Graça, comarca de Figueiró dos Vinhos.

Águeda, 29 de Julho de 1940

O chefe da 1.ª secção

Abílio Pinto Corte-Real e Napoleões

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito

Antonino de Campos

Jornal «A Regeneração» - n.º 513 de 17 de Agosto de 1940

Anuncio

Faz-se público que no dia 6 de Setembro de 1940, pelas 17 horas, no edificio do Hospital da Misericórdia, perante a Comissão para o efeito nomeada, terá lugar o concurso para a empreitada da conclusão do Novo Hospital da Misericórdia, conforme o Programa de Concurso, Caderno de Encargos e Desenhos patentes no Hospital da Misericórdia.

Base de Licitação 444.314\$88

O depósito provisorio de 11.108\$00 é feito na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência ou nas respectivas filiais, Agências ou Delegação, mediante guia passada pela Mesa da Misericórdia e Hospital, até ao dia útil anterior ao do concurso.

O depósito definitivo será de 5% sobre a importância da adjudicação.

Figueiró dos Vinhos, 17 de Agosto de 1940.

O Provedor da Misericórdia

João António Semedo

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

1.ª publicação

Faz-se saber que por este juízo e sua primeira secção correm éditos de vinte dias, citando quaisquer credores incertos, para no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, a contar da segunda e ultima publicação do presente anuncio, virem deduzir os seus direitos nos autos de execução hipotecaria em que são exequentes Manuel Lopes Quintas, casado, proprietário, da Lomba da Casa e executada Bernardina Rosa Caetano, marido e outros, do lugar do Cereal.

Figueiró dos Vinhos, 27 de Julho de 1940.

O chefe da 1.ª secção

Jaime Ribeiro Sucena

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito

Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» n.º 513 de 17 de Agosto de 1940

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Editos de 20 dias

(1.ª Publicação)

Faz-se saber que por este juízo e sua segunda secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio no jornal desta vila, citando quaisquer credores incertos para virem à execução por custas e selos que o Ministério Público move a Plácide das Dôres e seu marido Manuel Henriques da Costa, residentes na Quinta das Pontes, Espinhal-Penela, deduzirem os seus direitos como determina o artigo 864 do Código do Processo Civil.

Secretaria Judicial da comarca de Figueiró dos Vinhos, aos 15 de Julho de 1940.

O chefe da 2.ª Secção

Joaquim José da Conceição Júnior

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito Substituto

Lacerda e Costa

Jornal «A Regeneração» - N.º 513 de 17 de Agosto de 1940



Ourivesaria Confiança

DE

Manuel L. Gomes dos Santos

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O Proprietário desta Ourivesaria, resolveu dar baixa de preços a todos os artigos do seu comércio.

Relógios de Sala usados garantidos—desde 30\$00 a 100\$00. Relógios novos garantidos por 60 anos, que hoje custam 230\$00, vendem-se por 190\$00. Os de 300\$00 vendem-se por 260\$00. Os que hoje custam 320\$00 vendem-se por 280\$00. Relógios de bolso garantidos, usados—desde 30\$00 a 100\$00; relógios novos garantidos, desde 100\$00 a 350\$00. Relógios de carrilhão que hoje custam 1.000\$00 vendem-se por 650\$00.

Vende-se ouro novo—cada grama a 21\$00. Fios de prata desde 3\$00 a 6\$00. Grande sortido de estojos para casamentos e para crianças—isto é tudo quasi de graça.

Grande sortido de anéis e brincos com pedras finas e grande baixa de preços.

Pulseiras a doiradas 12\$00 muito elegantes  
Correntes de prata desde 7\$00 a 20\$00;  
Correntes de ouro desde 190\$00 a 425\$00.



Máquinas de costura usadas desde 200\$00

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

Pontão - Pombal

às Terças, Quintas e Domingos

	Chegada	Partida
Pontão	—	8 30
Ancião	8 50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

Cabaços - Coimbra

DIARIA — (excepto aos Domingos)

	Chegada	Partida
Cabaços	—	6,45
Alvaiázere	7,00	7,05
Pontão	7,50	8,00
Coimbra	9,30	16,30
Pontão	18,00	18,10
Alvaiázere	18,55	19,05
Cabaços	19,20	—

(Não se efectua nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval)

A carreira Cabaços-Coimbra, de 16 de Maio a 30 de Setembro, sai de Coimbra meia hora mais tarde.

## Pela Mulher

### Perante o problema profissional

Sobre este problema do trabalho da mulher, que a passada Grande Guerra começou a resolver e que a presente talvez solucione totalmente, muito se tem discutido e discutido, cada qual à sua maneira e, até, segundo os seus interesses. Uns imputam-lhe todas as culpas dos divórcios, das desavenças conjugais e chamam-lhe «dissolvente da família»; outros indigitam no como única causa ou factor muito influente do desemprego dos homens; outros, ainda, accusam-no de fomentador da imoralidade social, que estamos vendo desagregar e deturpar os princípios de virtude e pundonor que serviram de directriz a nossos avós e que têm vindo regendo as sociedades civilizadas; e mais, e mais...

O certo é que uns e outros, tencional ou intencionalmente, têm deixado na sombra o factor causal de êsses anacronismos, fugindo à discussão do ponto nevrálgico da questão. Tudo o que nós vemos actuar na conduta das sociedades é função do meio, accionado por influências político-sociais e económicas, morais-convenções e educacionais. E' sob a sua pressão dominadora que o problema da profissão da mulher se tem agitado, como é sob o seu domínio opressor que se têm arrastado e debatido todos os problemas da mulher pelos séculos fora, apertados de escolhos e barreiras sem conta que as conveniências dos maiores sempre tem oposto à expansão dos mais pequenos, para salva-guarda dos seus privilégios. E para a mulher (como outros pequeninos das sociedades que enfileiram com ela) conquistar as prerrogativas que já hoje usufrui, houve de derrubar muitos obstáculos e manter uma tenacidade e uma vontade de triunfar indomáveis. Nesse esforço tem sido ajudada e orientada por homens a quem guia um alto sentido humano e dignificante da vida, quasi todos sociólogos e cientistas. Esses têm reivindicado para a mulher todos os direitos humanos e só a eles deve o que já hoje possui.

O direito ao trabalho deve ser sagrado e incondicional para todos, desde que o procurem. E' a base da independência individual e da dignidade pessoal, se não quizermos ainda alegar que ele é o tributo natural que rendemos à vida, para a sua manutenção, como toda a Criação. As condições em que esse trabalho é realizado é que são discutíveis e devem merecer a atenção e observação de todos os seres pensantes. Querer negar à mulher o direito ao trabalho, é absurdo só comparável a esse uso da velha China, que consiste em comprimir os pés das meninas em ligaduras para que elles não acompanhem o crescimento do seu corpo, resultando que depois de mulher mal podem pousá-las no chão e não conseguem andar senão de carruagem ou em «caderinha», como era nos velhos tempos. Como conclusão final, a subordinação da mulher ao homem por todas as formas:

Ser o trabalho feminino a origem da maior parte dos divórcios, é contestável. Diz um velho ditado que «casa onde não há pão, todos ralharam e ninguém tem razão». E sabemos que na maioria dos lares o pão falta... Logo são inevitáveis as desavenças, que têm, quasi sempre, um fundo económico, directo ou indirecto. E se algumas se apaziguam e por que a mulher salta para a rua, a procurar governar a vida por qualquer meio, para se manter e aos filhos e, muitas vezes, ao próprio marido. O divórcio é, quanto a mim, um fenómeno natural na época caótica que atravessamos, como o são as guerras. São as resultantes lógicas dum periodo de transição entre duas épocas, entre duas civilizações, entre concepções diferentes de educação e de moral. Muitos divórcios, mesmo, podem atribuir-se ao facto da mulher conhecer já certos direitos que se arroga, mas que o homem ainda não lhe reconhece, não se dispondo, por isso, a sofrer passivamente as violências que as suas avós outrora suportavam em silêncio.

Da lógica do conceito que o desemprego dos homens é, na sua maior percentagem, devido à intromissão da mulher em profissões que antes eram só desempenhadas por homens, ajuize-se fazendo a suposição de que toda a população do globo era unicamente constituída por homens. Está a engrenagem social e os seus sistemas governativos e administrativos em condições de dar emprego e garantir a manutenção pelo trabalho e pela independência e desafogo económicos a todos os milhões de indivíduos que existem à superfície da Terra? Não e para encontrar a chave dum tal problema temos de ir investigá-lo na sua origem — as leis que regem as relações entre o Capital e o Trabalho. Além de isso, para discutir o assunto com justiça e imparcialidade surge ainda o ponto importante da desigualdade de salários entre os operários ou empregados dos dois sexos. Distribuem-se os salários equitativamente e discute-se, depois, a concorrência do trabalho da mulher sobre o do homem.

E da contribuição que a mulher profissional tem dado ou não para o descalabro moral que registamos em aumento progressivo todos os dias, exprobe-se ainda o meio que a Sociedade oferece aos indivíduos, mais propenso à expansão das paixões deletérias que ao despertar e aperfeiçoar das boas tendências, latentes em todos nós, junto das mãs, quasi em grau equivalente de potencialidade. Recolham todos os pequenitos que abundam ao abandono por essas vilas, lavem-lhes as almas e os corpitos, deem-lhes uma educação consentânea com as tendências e necessidades psicológicas infantis e verifiquem-se á que o índice da criminalidade diminui em todas as Sociedades. Deem ao homem e á mulher uma educação sã, principalmente no que respeita á moral sexual, saneiem as suas relações entre si e levem-na para um campo equilibrado e justo, elevem o nível económico dos povos, deem ao homem e á mulher o que lhes falta para o espirito e para a matéria e, sobretudo, divulguem ciência ao povo, sem olhar á quantidades e preparem-no para recebê-la, e verão que essa aprigada imoralidade resultante do contacto entre empregadas e empregados desaparece. Se a mulher ainda hoje procura atrair o homem e este, por seu turno não a respeita, é porque um e outro andam precisados de educação, que lhes daria o conhecimento do que são e do que valem, o conceito nítido dos seus direitos e dos seus deveres, da posição que occupam um perante o outro, dentro das funções sociais e biológicas.

Não nos contentemos em esgrimir só palavras; analisemos os factos; e em última análise notemos que todos os problemas que nos assoberbam gravitam á volta dum mesmo eixo: o problema fundamental económico, que continua a conservar aparências de insolubilidade, mercê duma deficientíssima orgânica social.

Aisácia Fontes Machado

## Aos Editores

Faremos referência crítica a todos os livros de que nos for enviado directamente um exemplar, independentemente das ofertas pessoais.

Toda a correspondência referente a este Boletim deve ser remetida para:

João Tendeiro — Figueiró dos Vinhos

## CONTRADIÇÕES

As mãos caíram num grito de desânimo,  
improdutivas,  
vergadas à vontade dos deuses!

As mãos baixaram por não suportarem mais  
a injustiça de uma campanha contra o capital humano,  
porque os trusts reduziram tudo ao standard  
e os Duhamel, os Valery, os Walter Darré  
vieram pregar contra a máquina,  
contra o progresso,  
e engrossar a injustiça...

Mas as mãos irão se erguer em breve  
tomar a charrua, conduzir o avião,  
e espalhar pelo mundo inteiro  
uma realidade nova e bela,  
que brilhará como nova estrela  
num outro planeta.

ALVARO RAMOS

## dos livros

A Paz, comédia de Aristófanes, Cadernos Culturais «Inquérito» — Lisboa, 1940

Os problemas debatidos em *A Paz*, de Aristófanes, comédia apresentada ao público no ano 421 a. J. C., constituem ainda um tema de interesse actual. Em todos os tempos, uma série de intelectuais, poetas e filósofos, romancistas e homens de ciência, têm exprimido em múltiplas obras, algumas imortais, o que pensam da guerra e da paz. E entre os mais antigos, encontra-se, com o talento de um verdadeiro precursor, Aristófanes, «o génio criador da Comédia».

Não vamos apreciar *A Paz* sob o ponto de vista literário. O extraordinário valor do seu autor foi reconhecido e exaltado durante centenas de gerações, de modo que não é o nosso voto que lhe vai aumentar a fama. Apenas nos referimos á essência e oportunidade do tema, que os editores tão bem aproveitaram agora para iniciar os *Cadernos Culturais «Inquérito»*, a série *Literatura Clássica*. E' que, ao referirmo-nos nesta secção a qualquer livro, não somos obrigados a fazê-lo sob o ponto de vista da sua literatura. E' possível que até, em alguns, ponhamos completamente de parte as respectivas características literárias, para falarmos de certos aspectos independentes daquelas. E' este o critério que seguimos aqui.

Vejamos em que consiste *A Paz*. Trigueiro é bem o símbolo de todos os lavradores que vivem satisfeitos nas suas terras e que, melhor do que ninguém, se apercebem da miséria que a guerra traz. Como duma forma geral todos os camponeses, ignora a causa produtora da guerra. Também, como Remarque, poderia dizer: «Uma ordem fez desta gente silenciosa (os prisioneiros) nossos inimigos; uma ordem contrária poderia convertê-los em amigos. A uma mesa pequenas que nenhum de nós conhece assinam um documento e, durante anos e anos, o nosso objectivo supremo passa a ser o que em tempo normal é execrado pelo mundo inteiro e castigado da maneira mais enérgica». E, como ignora essa causa faz o que fazem sempre os que estão aflitos por coisas que desconhecem: dirige-se aos deuses. Vai ao céu para convencer Zeus a libertar a Paz, encerrada pela Guerra numa caverna profunda; na ausência de Zeus, suborna Hermes, e, com o auxilio dos gregos, consegue libertá-la e trazê-la para a terra, que viverá

desde então na abundância. E' celebrado pelos vendedores de instrumentos agrícolas, como o foiceiro («Há pouco ainda ninguém comprava uma foice, nem quasi de graça; hoje vendo-as a cinco dracmas. Este que vem aqui comigo, vende os potes para o campo a três dracmas»), enquanto os fabricantes de armas o atacam («Deste cabo do meu negócio»), ao querer comprar-lhes lanças para as aproveitar, depois de partidas, para esteiros de vinha.

Aristófanes critica ásperamente todos os partidários da guerra, desde os que lucram com ela até aos que querem glórias e honrarias. O livro termina com a visão dos campos em laboração; a guerra forçada, na paz que os rodeia, os homens preparam-se para colher pacificamente o produto do seu trabalho. A educação guerreira da infância, expressa em parte por cantos de guerra:

«Formem já as falanges cerradas»  
«Chegados frente a frente combateram»  
«E chocaram»  
«Os estudos de coiro e os recurvos»  
«Misturaram então os combatentes»  
«Os gemidos e os gritos da vitória»

todas as causas susceptíveis de expandir uma psicose guerreira são satiricamente apresentadas, numa linguagem ora elevada em extremo, ora roçando pela graça porca. Em vez daqueles cânticos heroicos, outros em que é cantada a abundância dos tempos de paz:

«Tiveram para o almoço»  
«Delícia sobre delícia»

Enfim, Aristófanes combate com o riso nos lábios mas violentamente, o que tantos têm atacado por meios mais ou menos elevados: a Guerra.

A tradução é do dr. Agostinho da Silva, que também escreveu uma breve e bem exposta *Notícia acerca de Aristófanes*. A obra é ainda precedida por uma *Notícia sobre a comédia grega*, da autoria do dr. Lóbo Vilela.

Nota — Por absoluta falta de espaço, só no próximo número nos referiremos aos livros *Coéforas*, de Eúquilo, e *Rei Édipo*, de Sófocles — que, juntamente como que nos acabamos de referir, iniciam a secção *Literatura Clássica dos Cadernos Culturais «Inquérito»*.

João Tendeiro

do norte de Portugal emigra-se imenso. Em geral são as filhas que ficam. Os filhos, êsses par-

tem quasi todos. Porque não aparece trabalho que chegue. Ou se surge, é apenas nas épocas de maior

actividade. Saem em busca da possibilidade de levarem uma vida digna. Possibilidade que ainda não souberam conquistar no seu próprio torrão. Vão solteiros na maior parte. E quais são os que voltam dessas grandes viagens? Os casados deixam as mulheres e os filhos. Abandonam-nos para sempre na maior

ria das vezes, sem cartas e sem auxilios.